

Apresentação

O enigma Murilo

No dia em que Murilo Mendes completou 50 anos, divulgou alguns “Apontamentos”, ainda inéditos, em que ponderava que

A vida de um homem encerra um enigma que talvez só possa ser desvendado no último instante, ou mesmo numa segunda vida. Condicionado pelo tempo e pelo espaço, o esforço do homem consiste em se libertar, através de técnicas e métodos diversos, dessas duas categorias constrangedoras. Sem dúvida, a história é construída no tempo e se desenvolve no espaço. Mas a história da humanidade não é outra coisa senão a história de um homem projetada numa escala gigantesca. E as constantes do tempo e do espaço oprimem o homem em seu anseio de volver à sua natureza profunda. Sofremos por falta de tempo e falta de espaço, ou por excesso de tempo e excesso de espaço.

O enigma se reduz, assim, a uma falta: o encontro do homem consigo mesmo é um encontro perpetuamente diferido e dilatado. E esta idéia tem em Murilo o duplo aspecto de uma angústia vivida e de uma força que, em compensação, impele-o à escritura. Em sua infância, como ele mesmo evoca,

As pessoas não eram as pessoas. As coisas não eram as coisas. Sentia-me marginal. Não me entrosava na grande corrente da existência. Não tinha companheiros eleitos. Éramos oito irmãos numa família normal e unida, mas eu praticamente não os conhecia. Minhas atitudes desconcertavam. Eu era estranho aos outros, mas antes do mais constituía um enigma para mim próprio. Quantas vezes tocava meu rosto ou apertava minha cabeça para constatar minha existência: ser ou não ser, este era o problema. Direis que tudo isso é muito poético, manifestando o caráter mágico da infância, negado um pouco acima. Acho entretanto que isto é poético hoje, quando o quadro se acha recoberto pela transfiguradora pátina do tempo.

Não é por acaso, portanto, que as leituras a seguir vejam na “transfiguradora pátina do tempo” a chave para ter acesso ao enigma Murilo Mendes. Daniela Bunn e Marília Corrêa Machado abordam essa questão pelo prisma da abstração ou aférese, a convergência—para usar outro conceito recorrente no Autor—de tempos. É bom entender que a abstração de tempos não é em Murilo um simples modismo vanguardista. Ao contrário, sua poética do “texto branco”—onde se afirma que o branco mistura, separa e até mesmo elimina o temperamento do artista, que tende a sobrepor-se à obra de

arte—nos persuade de que o branco é um poderoso coadjuvante no processo de desconstrução da metafísica do Autor e postula, ao mesmo tempo, uma dimensão genética do processo simbólico, já que nos labirintos côncavos e convexos de uma obra branca, nos diz Murilo, podemos distinguir “cristais crescendo, a infância do diamante, a lâmina da espada que somente corta a água”, vale dizer, elementos *infraveles* que a teoria estrutural conceituará, conseqüentemente, como condições de uma *leitura plural*, leitura essa em que os brancos e os *flous* da análise marcam as fugas do texto, suas sobras ou margens, essa rede recortada ou apagada de todos os movimentos de um imenso *fading* que garante, ao mesmo tempo, tanto o fim das mensagens, quanto sua eterna recuperação.

A idéia é ilustrada pela estratégia de Rita L. Bittencourt. Em sua leitura de “Tango de Solano López” e “Marcha em retirada”, dois poemas de *História do Brasil*, comprova-se a força arrebatadora da história, que funciona, ambivalentemente, como promessa de onipresença e onipotência, que não pode ocultar, ao mesmo tempo, sua impotência para agir sobre qualquer outro tempo que não seja o presente de sua performance. É, em última análise, essa carência, ressignificada como excesso de potência, o que invoca a redenção ou ressurreição da imagem nua e pura. É o que lemos em dois ensaios complementares, o de Marta Arabia e o de Marta Martins. No primeiro, através de uma problematização do amor cortês, tal como proposta por Lacan, comprovamos algo que Murilo e seus contemporâneos não desdenhavam já que, com efeito, uma artista elogiada por Murilo pelo fato de provocar, em uma era técnica, a passagem do estado mecânico ao estado mágico, não deixava de

observar, em consonância com a teoria da pulsão e do olhar aqui evocadas, que, nas grutas

de Altamira, na Espanha, onde viveu a mais velha humanidade conhecida (...) o homem mal sabia se expressar pela palavra mas sentia já sede de beleza, e com um sílex mal afiado criou a primeira escultura de que se tem notícia. Era uma pedra talhada de todos os lados com a mesma imagem identicamente repetida para exorcizar, quem sabe, os espíritos maus que julgava persegui-lo. Outros vieram depois e conseguiram executar, nos muros de pedra, baixos relevos e gravuras, e chegaram à grande convenção pictural projetada nas paredes das cavernas sombrias. Descobriram como fazer as cores, e essas imagens que me deslumbraram, dignas dos melhores pintores de nossa época, conservam até hoje ainda frescas aquelas cores milenares. Esses baixos relevos, essas esculturas, essas imagens coloridas foram provavelmente a primeira sigla visível da religião, que seguiria pelos séculos afora, apoiada na arte e servindo-se dos artistas de cada período.

Essa opinião de Maria Martins não só coincide com as posições de Murilo Mendes, até o ponto de podermos afirmar que a teoria do grafito (do texto), aí esboçada, mimetiza-se pontualmente com a teoria da história (do tempo), entendida como diferença e repetição. Ela mostra também por que a crítica formal não teve ferramentas para ler autores como estes. Marta Martins relembra a prevenção formalista de um crítico dominante do modernismo como Clement Greenberg ao desprezar a obra de um Duchamp, por exemplo. Ora, é

Greenberg quem diz que as formas de Maria Martins “are perhaps the last completely living manifestation of academic sculpture”. Qualquer semelhança entre as avaliações modernistas anti-Murilo (ora por neo-acadêmico, ora por católico, surrealista, irracional ou que nome tenha) e esse julgamento crítico, normativo e pedagógico, não são, como se vê, simples coincidência.

Por último, uma forma de problematizar a “transfiguradora pátina do tempo” é deixar o próprio texto balbuciar suas lacunas, a rede heterogênea de todos seus movimentos de escamoteamento ou ocultação. Por isso, o resgate de textos esparsos realizado por Leandro Brandner garante, como dizíamos há pouco, tanto o fim da literatura entendida como comunicação, quanto sua eterna recuperação, para finalmente equacionar as potências da imagem.

Raul Antelo